105418/RA2019.1528.0003

"E O NOSSO SANGUE ECOA E GRITA: PERIFERIA!" – POESIA MARGINAL, LUGAR E TERRITORIALIZAÇÃO EM SOBRAL (CE)

"AND OUR BLOOD ECHOES AND SHOUTS: PERIPHERY!" – MARGINAL POETRY, PLACE AND TERRITORIALIZATION IN SOBRAL (CEARÁ, BRAZIL)

"ET NOTRE SANG RÉSONNE ET CRIE: PERIPHERIE!" – POÉSIE MARGINALE, LIEU ET TERRITORIALISATION À SOBRAL (CEARÁ, BRÉSIL)

Nilson Almino de Freitas
Professor de Antropologia da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). Professor do Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional. Doutor em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará. Pós-doutor em Estudos Culturais pelo Programa Avançado de Cultura Contemporânea da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PACC/UFRJ). Pesquisador associado do PACC/UFRJ.
E-mail: nilsonalmino@hotmail.com

Vicente de Paulo Sousa
Mestre em Geografia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA).
E-mail: vicentypsousa@hotmail.com

Resumo

Este artigo tem como objetivo abordar a periferia como espaço geográfico, tendo como fonte a cena poética criada pelo *Slam* da Quentura e pela Batalha do TN, na cidade de Sobral, estado do Ceará. Ambos os movimentos poéticos são realizados sob a vertente da cultura de rua. Apoiada em literatura, a discussão sobre "literatura menor" ajudou a entender algumas circunstâncias versadas sobre a periferia por poetas e *rappers*. A reflexão teórica adotada teve contribuições da história oral, da geografia cultural, da antropologia visual e do método da videografia, com a inserção efetiva no campo pautada nos moldes da pesquisa etnográfica, acompanhada com técnicas da linguagem do documentário. A cena poética e o recitar desmistificam a periferia como espaço somente de ocorrências negativas, como é constante aparecer nos meios midiáticos. Os versos revelam experiências positivas e resistências que investem em desterritorializações, territorializações e reterritorializações expressas por esses agentes que versam sobre seus territórios específicos, chamados de periferia.

Palavras-chave: cena poética, periferia, território, geografia cultural, Sobral (CE).

Revista da Anpege
ISSN 1679-768X

Abstract

This article aims to approach the periphery as a geographic space having as a source the poetic scene created by the Slam da Quentura ("Slam of Hottest") and Batalha do TN ("Fight of TN"), in Sobral city (Ceará state, Brazil). Both poetics movements are carried out under the street culture aspect. The discussion of "minor literature" has helped to understand some versed circumstances about the periphery by poets and *rappers*. The theoretical reflection adopted had contributions from oral history, cultural geography, visual anthropology and videography method, with effective insertion in the field guided by ethnographic research, accompanied by documentary language techniques. The poetic scene and the recite, demystify the periphery as a space only of negative occurrences, as it is constant to appear in the media. The verses reveal positive experiences and resistances that invest in deterritorializations, territorializations and reterritorializations expressed by those agents that deal with their specific territories, called the periphery.

Keywords: poetic scene, periphery, territory, cultural geography, Sobral (CE/Brazil).

Résumé

Cet article vise à aborder la périphérie comme un espace géographique ayant pour source la scène poétique créée par le Slam da Quentura ("*Slam* du Chaud") et Batalha do TN ("La Bataille du TN"), dans la ville de Sobral (l'état de Ceará, Brésil). Les deux mouvements poétiques sont réalisés sous l'aspect de la culture de rue. La discussion sur la "littérature mineure" a aidé à comprendre certaines circonstances variées des poètes et des *rappeurs* concernant la périphérie. La réflexion théorique adoptée avait des contributions d'histoire orale, de la géographie culturelle, de l'anthropologie visuelle et de la méthode de la vidéographie, avec une insertion effective sur le terrain guidée par une recherche ethnographique, accompagnée de techniques langagières documentaires. La scène poétique et la récitation démystifient la périphérie en tant qu'espace uniquement d'occurrences négatives, comme il est constant de figurer dans les médias. Les versets révèlent des expériences positives et des résistances qui investissent dans les déterritorialisations, les territorialisations et les reterritorialisations exprimées par les agents qui traitent de leurs territoires spécifiques, appelés périphéries.

Mots-clés: scène poétique, périphérie, territoire, géographie culturelle, Sobral (CE/Brésil).

Revista da Anpege
ISSN 1679-768X

Introdução

Este artigo traz uma reflexão sobre dois movimentos poéticos como fontes para discussões sobre o uso destas formas de comunicação para a compreensão do espaço geográfico, especialmente tratando do processo de desterritorialização, territorialização e reterritorialização da periferia da cidade, tendo como estudo de caso Sobral, município a noroeste do estado brasileiro do Ceará.

Sobre poesia falada, trazemos o movimento poético *Slam*[1] da Quentura, que reúne várias pessoas, a cada último sábado do mês, para declamarem versos que traduzem as realidades dos poetas.[2] Tais poesias falam de diversas situações, como: as formas de violência contra mulheres, lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros (LGBT's) e negros e a vida cotidiana nas periferias. Esta diversidade temática aponta para discussões sobre interseccionalidade, conceito que será mais bem definido adiante, neste artigo, e como estas diferentes variáveis desterritorializam e falam do território da periferia, tema central deste artigo. A outra manifestação artística que trazemos, de poesia cantada, diz respeito à Batalha do TN, que, geralmente, ocorre na segunda sexta-feira de cada mês, na praça Doutor Estevam, no bairro Terrenos Novos, em Sobral. Este evento é promovido pelo Movimento Social Fome,[3] e tem o objetivo de fortalecer a união das periferias, da "quebrada" e do "gueto", como consta nas suas páginas de divulgação nas redes sociais.[4] Na ocasião desses encontros, *rappers* e MC's travam batalhas de rimas, que, além de ressaltarem as condições da periferia, chamam a atenção pela cena formada para dar lugar a uma situação territorial específica reconhecida como sendo da periferia.

Vale ressaltar que, mesmo não tendo nenhuma regra de exclusão explícita sobre quem pode participar e recitar poesias, é facilmente identificável que, nessas ocasiões, o espaço onde acontece o *Slam* e a Batalha é permeado (em sua grande maioria, se fôssemos quantificar) por pessoas das periferias, que se reconhecem como negras, jovens, de circuitos sexuais diversos (LGBT's), de movimentos e coletivos sociais engajados em lutas que lhes são específicas, como o movimento feminista, por exemplo, entre outros. Vale a pena conhecermos melhor o campo empírico de atuação desses movimentos e a cena poética que montam.

[1] O movimento Poetry Slam, geralmente, traduzido como "batida de poesia", surgiu em Chicago, por volta de 1980, e consiste em competição de poesia autoral, julgada pela plateia (Cf. https://www.nexojornal.com.br/expresso/2016/12/20/O-que-s%C3%A3o-slams-e-como-eles-est%C3%A3o-popularizando-a-poesia.

[2] As atividades desse grupo são divulgadas no seguinte link das redes sociais: https://www.facebook.com/slamdaquentura/ .

[3] O Movimento Social Fome é formado por jovens moradores do bairro Terrenos Novos, periferia de Sobral, e tem orientação anarquista, do ponto de vista político, se organizando sem hierarquias e sem perspectiva de institucionalização formal.

[4] O referido site pode ser acessado pelo link: https://pt-br.facebook.com/BatalhadoT.N/ .

Revista da Anpege
ISSN 1679-768X

Poéticas espaciais e território

Bachelard (1993), ao tratar sobre a poesia, a eleva ao patamar de uma intensa supremacia, quando, por meio desta arte, falamos de determinados assuntos. Atribui-lhe um *status* permanente de difusão e encantamento, quando a poesia discursa em seus versos. A poesia tem o poder de suscitar novas reflexões, novas práticas de espaço. Ela dispõe de um aparato linguístico sensível que revela às "almas" emoções, sensações e cogitações sobre coisas antes não imaginadas. Ela é agência e afecção.

Todas as temáticas verbalizadas por meio de versos e rimas falam de algo latente nas experiências de vida do poeta. O que mais chamou a nossa atenção, nos temas poetizados, foi exatamente aqueles que tratam de periferia e violência. O tratamento não é direcionado para confirmar e fortalecer o discurso de que a periferia é lugar da violência. Pelo contrário, fala-se de resistência. Entretanto, a violência aparece de diversas formas, seja no confronto entre grupos que rivalizam ou em outras formas de violência que são muito recitadas na poesia *Slam* e no *Rap*, tais como a homofobia, o feminicídio, a transfobia, a lesbofobia, a violência contra estereótipos de cor e classe, tudo isto tão frequente nas realidades periféricas, nos guetos.

Ressalta-se que todos esses aspectos nem sempre aparecem nos mapas oficiais da gestão pública ou na mídia, canais que estabelecem limites ou fronteiras quando se delimita um determinado território. As vozes, as relações de pertencimento, as subjetividades, as performances narrativas e as agências de construção de sentido para o território e o lugar e tudo o mais que caracteriza um território específico deixam de aparecer, nestes canais, no que se refere a uma agenda positiva.

Sobre falar de lugar nos versos poéticos, Haesbaert (1997) acredita que esta prática acaba por mostrar espaços de referência:

> [...] a partir dos quais se cria uma leitura simbólica, que pode ser sagrada, poética ou simplesmente folclórica, mas que de qualquer forma emana uma apropriação estética específica, capaz de fortalecer uma identidade coletiva que, neste caso, é também uma identidade territorial (HAESBAERT, 1997, p. 24).

Sendo assim, vejamos o que os poetas *slamers* e *rappers* contam sobre realidades espaciais periféricas a partir dos seus versos e rimas, dos quais trazemos também alguns depoimentos tocantes a estes temas. Numa de suas poesias, o *rapper* Leandrinho Guimarães, que faz parte dos dois movimentos poéticos estudados, discorre sobre alguns pontos da realidade em que essa parcela espacial da população, às vezes, se apresenta.

Revista da Anpege ISSN 1679-768X

> O pensamento é propulsor na causa que almejamos
> Onde o habitat do favelado é regado com sangue que despejamos.
> Nosso cotidiano hostil me fez ser realista
> Onde o menino se faz homem pra ajudar a mãe diarista.
> [...] Apesar de toda mazela que atinge nossas favelas
> Temos o poder da periferia de mudar cada vida que habita nela
> (Leandrinho Guimarães).

Ao falar sobre *rap* e sua relação com as realidades periféricas, o *rapper* Leandrinho Guimarães ressalta a sua convicção:

> *Eu acredito que o rap, na periferia, é sinônimo de coragem, né? Pra mim, é um sinônimo de coragem, de ter aquela audácia de representar um povo, que é a sua comunidade, pra relatar aquilo que você sofre no dia a dia. E é isso que a gente batalha, todo dia, que a gente enfrenta, né? Quando a gente pega a caneta e um papel pra escrever uma música relatando toda a dificuldade que o nosso povo sofre, a gente tá dando a cara a tapa... Nós tamos ali, naquela situação de até ocorrer uma questão de opressão, por conta das autoridades, porque a gente toca muito na ferida, mano, em muitas coisas podres que o sistema propõe pra gente. E a gente tá aí pra se manifestar, pra ser a porta-voz da nossa favela, né?!* (Leandrinho Guimarães, depoimento, 2018).

A coragem, não só para mostrar a audácia de representar o sofrimento do povo e se posicionar contra qualquer tipo de opressão, dando a "cara a tapa", é o que chamam de resistência. Não são só agredidos e se conformam. Também agridem e mostram inconformismo, se posicionando, e não só expressando seus desejos, potências e afetos, mas também se entendendo como porta-vozes da *favela* – outro termo comum que, às vezes, parece sinônimo de periferia. Portanto, as narrativas dos *rappers* e suas poesias tratam de mostrar também a sua relação de pertencimento com o lugar de origem e de morada. Apesar das adversidades que pontuam esses espaços, existe uma força identitária muito grande, que os faz defendê-los em seus relatos e versos. O *rapper* Lucas Balbino, vulgo Restrito General, aponta que a periferia é o:

> *Melhor lugar de se morar. [...] a periferia eu não troco por nada, tá na minha veia. [...] não tem como eu deixar aqui mais não, onde eu nasci e me criei [...], porque eu criei um certo sentimento pela favela, entendeu? Um amor. Independente da violência e tal, a gente tem que dar valor, porque, se não fosse ela, eu não tenho a sabedoria que eu tenho hoje. Agradeço muito a ela, à favela* (Restrito General, depoimento, 2018).

Na poesia coletiva feita por diversos *rappers*, inclusive o Restrito General, denominada *Cypher resistência*, ele faz um grito de socorro e de desabafo carregado de crítica social em favor da favela (denominação que ele utiliza):

Revista da Anpege
ISSN 1679-768X

> [...] Eu sou guerreiro da favela, e minha voz tá no ar. Revolucionário nato, programado pra rimar, e os menor da quebrada já pensam em ser bandido, afetados pelo ódio, convivendo perigo. Aqui, não tem lazer, muito menos amparo. Na madruga, o silêncio é interrompido por disparos. Eu tô cansado de caixão, sangue, choro e vela. Que Deus proteja o meu povo e guarde a minha favela (Restrito General, *Cypher resistência*, 2017).

Outro *rapper*, Wisley Nascimento, vulgo MC Barnabé, reitera:

> *Eu defino a periferia com dois lados, como eu falei: tem o lado ruim e o lado bom. O lado ruim é por causa que, pra eles, a periferia não presta, não serve pra nada. Mas se botar as cartas na mesa, até os melhores jogadores do mundo saem de periferia, ou seja, a periferia é um berço de cultura* (Barnabé, depoimento, 2018).

Nesse caso, os *rappers* citados apontam uma agenda positiva, mesmo no contexto de adversidades. Não escondem os problemas: pelo contrário, os denunciam. Mas, ao mesmo tempo, não se veem fora desse contexto social cujos perigos lhes ensinam a lutar por ele e a protegê-lo, valorizando suas experiências no lugar. Ganham força na adversidade. A vida, na periferia, parece lhes ensinar a serem fortes e a reconhecerem o lado bom de viver neste lugar. Sobre agenciamentos, Barnabé declara que seu trabalho como *rapper* é passar uma mensagem que contribua com a resolução dos problemas da comunidade. Ele declara que coloca, nos seus versos e rimas, as dificuldades enfrentadas pela periferia, que podem ser desde um problema estrutural até aqueles ocorridos em âmbito mais privado, de ordem familiar, por exemplo. Seus versos indicam algumas situações difíceis pelas quais passa a periferia.

> E nas drogas, como a favela é conhecida, nessa vida não uso droga, mas vivi nessa droga de vida. Sei que é difícil, mas continuo resistindo. Contudo nós sofre na favela, os políticos é só assistindo. Resistir é um lutar, não lutar não é desistir, mas prometo resistir enquanto eu existir! [...] Eu sou cria da favela, não nego minha essência, mas temos que resistir pra garantir nossa existência (Barnabé, *Cypher resistência*, 2018).

O trabalho poético de Sabrina Sá, *slamer* (poetisa no *Slam*) e *rapper* da Batalha do TN, também tem uma construção reflexiva sobre as condições vividas na e pela periferia. Na verdade, segundo essa entrevistada, são essas as causas que a incentivam a fazer poemas. Para ela, o que personaliza suas narrativas poéticas são as histórias passadas com os personagens reais periféricos, que enfrentam as dificuldades que advêm de suas realidades socioespaciais. De acordo com Sabrina Sá,

> *Quando a gente entra mais pra parte da poesia, do rap, eu acho que a gente passa a ver muito mais do que a gente via antes, no nosso "quadradinho", no nosso eu, na nossa bolha. Eu acho que a gente começa a conhecer histórias diferentes, história de gente que já vivenciou mesmo o peso da periferia mesmo, algo bem*

Revista da Anpege ISSN 1679-768X

> *pesado, gente que já passou fome, que a gente retrata na poesia, gente que já sofreu violência doméstica, a gente retrata lá na batalha de rima, gente que, sei lá..., já teve uma abordagem policial agressiva, que a gente sabe que tem, e a gente retrata também na poesia. Então, a gente puxa da periferia pra periferia, a gente puxa os problemas da periferia e faz forma de poema, de música pra periferia ouvir, ver que não! "Fui eu que passei, então não posso mais viver desse jeito, não posso mais sofrer, vamos lutar, vamos seguir em frente e mostrar que periferia também tem voz". Então, eu acho que é mais isso, a relação da periferia. É o que a periferia passa que a gente tenta retratar nas letras, nas músicas, enfim, e leva pra todo canto que a gente vai, toda viagem, toda experiência* (Sabrina Sá, depoimento, 2018).

Na *Cypher resistência*, Sabrina cantou sobre a percepção por meio da informação, ou seja, é esta reflexão em torno das circunstâncias periféricas que gera luta, envolvimento, empoderamento, sobretudo das mulheres – inclusive, a linha feminista é a grande bandeira desta poetisa e *rapper*. Vejamos sua explanação poética:

> [...] sou porta-voz do gueto, e eu não pesco ilusão, eu pesco vidas, e a isca é a informação! O cotidiano é triste, querem nos exterminar, se eu já tô dentro do jogo, eu só saio quando eu ganhar. O sistema cria almas com essência sanguinária, sendo assim, mais perigoso que uma arma engatilhada! Não vou ser tua empregada na novela das dez, e sim a negra empoderada, sempre honrando os fiéis! Um minuto de silêncio pra democracia, que não resistiu aos golpes da hipocrisia. O ladrão mais procurado não tá vestindo molambo, tá nos panos de terno, gravata e carro do ano (Sabrina Sá, *Cypher resistência*, 2018).

O *slamer* Diego Clementino, num trecho poético, discorre sobre essa e outras realidades periféricas:

> Caixão descendo nas cordas, na estrada da dor
> É só necrópsia, rota, sangue de vítima morta[5]
> Seis horas da manhã: Gabriel, 16 anos, negro, filho de mãe solteira
> Sonho: se tornar médico, tirar a mãe da vida dura de empregada doméstica
> Gabriel, assim como João, Ricardo, Paulo e Manoel,
> para estudar, desce o morro na busca de uma nova utopia
> Seu sonho e sua carreira médica foram interrompidas,
> numa certa manhã de quarta-feira
> E, com seis tiros, os capitães do mato mais um negro matou (Diego Clementino, *Slam* da Quentura).

Os versos expressam uma dura realidade relacionada aos ataques policiais. Passam a ideia de que é uma ação firmada puramente em ideologias preconceituosas, estigmatizantes e baseadas também no pânico moral veiculado pelos aparelhos midiáticos, que desenham os tipos periféricos de forma genérica, como violentos e perigosos, "justificando", às vezes, o extermínio da população negra, pobre e residente nesses espaços. O pânico moral propõe uma agenda negativa, vende e provoca uma reação adversa de quem tem contato com a

[5] Trecho da música "Estrada da dor 666", do grupo Facção Central.

Revista da Anpege
ISSN 1679-768X

notícia sobre atos violentos. Machado (2004), lembrando Jock Young e Stanley Cohen, chama a atenção do efeito espiral que os *media*, a opinião pública, os grupos de pressão e os políticos geram em relação à preocupação que anuncia e espetacularia a violência na periferia da cidade. O efeito imediato é o medo desse lugar, fazendo com que as pessoas que têm acesso a esse tipo de informação entendam a periferia como ameaça. A "natureza" das pessoas que moram nessa espacialidade é entendida como violenta também. Assim, algumas barricadas morais e físicas são fortalecidas. Ações de repressão são comumente avaliadas como necessárias para conter aqueles que são classificados como "marginais" – termo, neste contexto, definido como negativo. Um mercado de especialistas é formado para conter a violência indiscriminada, fazendo as pessoas acharem que, ao entrar no bairro periférico, serão assassinadas ou roubadas.

Ao contrário, a cena poética traz uma versão diferente da periferia. A poetisa *slamer* Fran Nascimento, do *Slam* da Quentura, traz um tom de enfrentamento, resistência e reconhecimento do lugar de fala do sujeito periférico. A manifestação poética, segundo essa poetisa, é uma demonstração do pensar sobre as circunstâncias sociais antagônicas que assolam esses espaços. Essa resistência e o desejo de conquista dos direitos são pilares para não desistir, continuar lutando contra as desigualdades que o sistema social, na sua totalidade, proporciona para os sujeitos que moram nessa parcela do espaço territorializado da periferia.

Na sua poesia, ela aborda:

> Pois é! Eu vou é na contramão do sistema. E se liga que isso aqui n'é só poema! É manifestação do pensar! Do que acredito! Do que vejo e é omitido (não é dito)! O clamor do oprimido paira na multidão! "Rico cada vez mais rico, pobre cada vez mais pobre. Fi de rico anda chique, fi de pobre é que se fode". Como diz o mano Gil, daqui de Sobral, Ceará, Brasil! F A T A L! E o que tenho dito é que fico à margem mesmo. E daqui eu não abero! Nem sei mais pelo que espero! Mas sei lutar pelo que quero! Vida longa aos vida loka; paz entre os de perifa; saúde pra mona, pro mano, pras mina... E Jah que nos segure, porque sistema opressor, meirmão, nós vamo empurrar, nós vamo empurrar, nós vamo empurrar até cair!!! Porque aqui (AQUI) nós somos maioria! E o nosso sangue ecoa e grita: PERIFERIA! (Fran Nascimento, *Slam* da Quentura).

Os anseios dos poetas que escrevem sobre a periferia não circundam em torno de uma postura de querer se sentir melhor ou diferente dos demais indivíduos. Na verdade, seus versos traduzem as aspirações daqueles que se reconhecem como periféricos, ao passo que não veem nada de extraordinário nisto, mas só lutam dentro de seus lugares de fala, objetivando respeito, dignidade e direito à cidade. Pelo que se tem percebido, eles não negam seus lugares, mas, muito pelo contrário, se afirmam, o tempo todo, como moradores dali, que buscam na cena poética outras perspectivas de reconhecimento.

Revista da Anpege
ISSN 1679-768X

Em sua poesia, o *slamer* Paulo Henrique, vulgo PH, conhecido também, na cena poética, como Bicha Poética, do coletivo Fora da Métrica, versa sobre negritude, racismo, empoderamento e lugar de fala como experiência e resistência periférica.

EI, VOCÊ AÍ! ME DEIXE FALAR

Prazer
Eu sou tudo aquilo
Que você nunca quis ver
As minhas poesias
São tormento pra você
Que tem medo de escurecer
Mas que quer me clarear
Só pra agradar você
Você aí
Deixa eu falar
Eu vim pra escurecer
E não pra clarear
É mais difícil absorver
Do que observar
Eu sou magia negra
Pode me afrontar
Eu sei quem vai na frente
Abrindo o caminhar
Que vai me protegendo
Pra eu não ajoelhar
Pra não baixar cabeça
Pra racista passar
É difícil acreditar, eu sei
Mas não é ficção
70% dos presos no Brasil
É tudo preto, irmão
Se for falar de profissão
Me deem licença, minas pretas
80% das domésticas no Brasil
É tudo melanina preta
A cada seis minutos, escorre
Sangue preto na ladeira
É estatísticos
É só pesquisar
Tirar a bunda da cadeira
Vai aprender a estudar
Pois já cansamos
De ter que ensinar
De perder nossa didática
Pra Zé povim vim se passar
Eu sei quem tá comigo
E sei quem vai tramar
Esse é o meu local de falar
Sem universalizar
Tá na hora de expandir

Revista da Anpege
ISSN 1679-768X

> E descentralizar
> O antirracismo é nosso
> A luta é popular
> Mas o protagonismo é meu
> Me dá licença, que eu vou passar! (Paulo Henrique – PH, Bicha Poética, *Slam* da Quentura).

Na explanação poética de Paulo Henrique, logo se percebe a denúncia sobre o racismo, ação tão "comum" que vitimiza muitos habitantes periféricos, prática esta que desencadeia algumas formas de violência, tanto simbólica, quanto física, como nos casos de truculência policial nesses espaços.

Esse poeta *slamer* se coloca numa posição de resistência como uma forma de se autoafirmar como um agente que tem o poder de fala, e exige respeito, não inclina a cabeça para aqueles que humilham e relativizam os seus direitos. Na sua poesia, estão as estatísticas que mostram algumas realidades dentro do espaço periférico, tais como o número de negros que são presos, a quantidade de empregadas domésticas advindas desse contexto e a frequência com que ocorre o derramamento de sangue, no dia a dia da periferia.

Paulo Henrique narra sobre a relação da poesia com a periferia da seguinte forma:

> *Eu creio que [a relação da poesia com a periferia é] todas, né? Eu creio que o fato de ser periférico já é poético. Eu creio que o fato de ser periférico já é ser, acho. Acho que estar na periferia e lutar por um local de existência já é ser poético. O fato de você acordar, e você saber que vai ter que enfrentar um turbilhão, numa sociedade na qual, a todo momento, te deixa vulnerável, eu acho que só o existir dentro de todo esse processo já é poético. Então, eu acho que a relação da poesia com a periferia é todas, e a poesia salva, né? A melhor maneira, hoje, de salvar boa parte das vidas periféricas de vários outros caminhos é a poesia, o rap, são as rimas, e eu creio que só de existir enquanto periféricos já se é poesia* (Paulo Henrique – PH, Bicha Poética, depoimento, 2018).

Comparando com o que diz Corrêa (1986), essa face da periferia retratada nos relatos e versos diz muito sobre o que este autor chama de "setores periféricos", já que, para ele, existem disparidades nessa relação. Essa realidade espacial não é homogênea, nem do ponto de vista conceitual, nem tampouco em suas circunstâncias práticas. As condições reveladas nos relatos mostram o lado sofrido dessa parcela espacial denominada por esse autor de "periferia interiorana", caracterizada pela falta de infraestrutura. É uma periferia dos pobres, do "povão". É uma periferia das favelas, dos assaltos e do "esquadrão da morte" – uma violência incorporada nas forças institucionais "legais", que não seleciona tipos ao adentrar nestes espaços.

Corrêa (1986) chama a atenção para a existência ou a diferença de periferias. Esse autor prefere tratá-las como setores periféricos, e aponta, pelo menos, duas faces dessa

Revista da Anpege
ISSN 1679-768X

periferia urbana pensada para abrigar tipos distintos de habitantes. Ele classifica a periferia interiorana como aquela direcionada para os pobres, cuja estrutura é altamente precária, e, dentro dessas periferias, podem surgir as favelas. As "periferias de amenidades" são aquelas que surgem a partir de uma racionalidade técnica, ou seja, são formadas sob uma base de implantação estrutural, visto que estes espaços são também fortemente disputados pela especulação imobiliária, que constrói simbolicamente valor agregado, fazendo eclodir a procura por pessoas de considerável poder aquisitivo. A impressão que Corrêa (1986) passa é que existem duas periferias: a dos pobres e a dos ricos. Os versos de nossos interlocutores estão tematizando a periferia dos pobres, neste artigo.

Os versos dos *rappers* e dos *slamers* explanam as contradições relacionais que existem entre o pobre da periferia, a mídia e o político corrupto que se aproveita, com discursos eleitoreiros, para ganhar votos da população periférica, em tempos de campanha, fingindo que se importa com este espaço e seus habitantes. Por outro lado, há também a veiculação midiática, que estigmatiza as vítimas da violência, sobretudo, quando são os pretos da favela.

Todas as abordagens das poesias trazem diversas situações espaciais vividas pela periferia e seu povo, mas os versos também falam de resistência e de agenciamentos, sejam eles poéticos ou mesmo noutras perspectivas de ação. Resistência – isto é o que se pode perceber, no conteúdo dos versos poéticos de *slamers* e *rappers*. Eles não só tematizam a periferia, mas estão, todo o tempo, atentos para as diversas circunstâncias que ali se instalam. Eles precisam captar essas vulnerabilidades e habilidades que permeiam os espaços periféricos para poderem lançar a crítica e o chamamento para o empoderamento e a resistência em forma de poesia, porque acreditam nesta ferramenta como mecanismo de sensibilização e mobilização, em defesa dos sujeitos que ali residem.

Eles usam este conceito para dizer que possuem propriedades físicas e mentais para reagir diante da injustiça da ação do sistema contra eles. São duas forças que parecem agir contra eles: o "sistema", que pode ser entendido tanto como o modelo de relações econômicas, políticas e sociais vigentes no país, quanto o segmento do Estado que está mais próximo dessa espacialidade (geralmente, a polícia). O movimento aplicado pelo sistema e a violência na periferia, que, segundo a sua concepção, os reprime indiscriminadamente, provocam outro movimento de seus corpos e mentes, que reagem. O *rap* e a poesia acabam sendo instrumentos de reação contra a corrosão da moral e do corpo provocada pelas forças contrárias que os reprimem. Dizem que não se entregam, que lutam para fortalecer ainda mais o que já é forte. A poesia parece ser o instrumento usado para suportar a fadiga e o esforço aplicado contra seus corpos e mentes. Esta reação não poderia abrir mão da

Revista da Anpege
ISSN 1679-768X

territorialização de suas agências, contra as forças contrárias. A resistência é espacializada, mostra uma geografia do desejo e da potência de seus corpos e o movimento provocado por ela.

Em todas as poesias aqui mostradas, bem como nas narrativas dos poetas *slamers* e dos *rappers*, repercutem, nas suas falas, fortes alusões sobre suas condições no bairro onde moram, desde as dificuldades até os sentimentos de pertencimento. Ser periférico não é uma situação negativa, inferiorizada. Este *status* carrega forte alusão às lutas, conquistas, visões de mundo, percepções e ações políticas. É uma forma de agir específica, espacializada.

A poesia, neste estudo, não traz os traços da subjetividade em que estão envoltas outras formas de poesia, como classificaram Deleuze e Guattari (2017) ao chamá-las de "grandes" literaturas. Estes autores tratam dessa poesia marginal, que é o contraponto da grande literatura. Ela é militante, e, dentro desta linguagem, há muitas conotações que, mesmo passando pela experiência individual, toma identificação noutros corpos, como se falasse de coletivos. Por isso mesmo, Deleuze e Guattari (2017) afirmam que ela é também coletiva, desterritorializada, visto que tem o caráter de se expandir, de atingir outras mentes e percepções.

Só que, no caso dos movimentos poéticos em questão, a periferia não se restringe a um tipo estrutural de espaço de habitação: tem relação com uma identidade espacial que vai além da materialidade. Esses movimentos falam de um espaço que incorpora o simbolismo de segregação, mas, ao mesmo tempo, de resistência. É um espaço de disputa, mas tem coisas especiais que não teria em outros lugares. Amam o seu lugar, mesmo que os de fora falem mal dele.

O território pensado com o nome de periferia, como espaço vivido, não corresponde a uma localização exclusiva, mas está incutido nas relações sociais e simbólicas que se agenciam onde os corpos periféricos estiverem. Os interlocutores demarcam seus territórios dentro de uma linguagem poética carregada de ações subjetivas (e também objetivas), não estabelecendo exatamente um eixo geográfico sedimentado na divisão precisa dos recortes espaciais físicos. Aqui, o território é uma construção, percepção e apropriação simbólica, marcado, sobretudo, por agenciamentos, ações sociais elaboradas, visando a uma finalidade: afetar o interlocutor com sua potência e sua força.

Haesbaert (2003) alerta para a compreensão desse conceito geográfico de território, levando em conta as práticas e valores simbólicos, que também o definem e se fazem perceber. Esse autor atenta sobre o cuidado para não incorrermos em divagações imprecisas

Revista da Anpege
ISSN 1679-768X

ou inventivas sobre sua concepção, ao passo que sinaliza para não o vermos somente na sua materialidade e com suas variáveis conceituais mais canônicas, aquelas que tratam de estabelecimentos de fronteiras rígidas e relações de poder. Para Haesbaert,

> [...] uma noção de território que despreze sua dimensão simbólica, mesmo entre aquelas que enfatizam o seu caráter eminentemente político, está fadada a compreender apenas uma parte dos complexos meandros do poder.
>
> Embora por tradição, a dimensão privilegiada nos estudos sobre território seja a dimensão política, o simbólico-cultural sempre esteve presente (HAESBAERT, 2003, p. 14).

A marca do território tratada neste artigo nos ajuda a compreendê-lo dentro de uma dinâmica que privilegia, antes de tudo, os agenciamentos individuais e coletivos como forma de percepção e propriedade, deixando forte inclinação para o discutirmos como espaço simbólico de lutas e pertencimentos. As narrativas e as poesias mostradas demonstram muitas considerações que os poetas *slamer* e *rappers* fazem sobre seus lugares de fala. Os discursos e as poesias estão carregados de qualificações que nos fazem perceber como eles sentem, vivem e experimentam seus espaços de moradia. Vale a pena, neste ponto, discutir alguns recursos metodológicos utilizados para chegarmos a essas considerações apresentadas.

Metodologia

Para se compreender os resultados obtidos neste estudo, é importante discutirmos os procedimentos metodológicos nele adotados. O trabalho de campo desenvolvido teve como orientação a concepção de que estar em campo significa uma inserção densa no ambiente pesquisado, sobretudo, seguindo-se determinados modelos de orientações de como devem ser as pesquisas etnográficas, em que o pesquisador vive por um longo período junto com o grupo observado. Morar e viver com os "nativos" é primordial para esse tipo de trabalho. O corpo do pesquisador vive o cotidiano do grupo pesquisado nas suas práticas diárias, acompanhando fluxos, movimentos, tensões e afetos. No caso deste estudo, foi importante um dos pesquisadores ser morador na periferia e vivenciar suas dinâmicas.

Malinowski (1978, p. 18) aponta para a sinceridade no trato com as pesquisas científicas, principalmente quando lidamos com discursos e análises da experiência de vida em trabalho de campo, pois, em se tratando do meio social, as nossas intervenções interpretativas não podem aparecer do nada, mas devem "[...] ser apresentadas de maneira clara e absolutamente honesta". Nessa inserção, técnicas como as anotações ou o diário de campo, tão difundidas pelo referido autor, as entrevistas semiestruturadas, as observações e os registros anotados, gravados em áudio e filmados foram fontes de pesquisa e acervo

Revista da Anpege
ISSN 1679-768X

que orientaram no intuito de se obter as narrativas necessárias para a pesquisa. No caso dos registros audiovisuais, muitos deles não foram feitos por decisão individual do pesquisador, mas orientados pelos interlocutores pesquisados.

No caso de um dos pesquisadores, além de ter sua moradia na periferia, a sua participação também aconteceu na promoção da cena poética. Os eventos eram organizados e produzidos com o seu envolvimento direto, ou como poeta, em algumas poucas situações, mas, principalmente, como responsável pelo registro audiovisual, junto com outros bolsistas do Laboratório das Memórias e das Práticas Cotidianas (LABOME), da Universidade Estadual Vale do Acaraú, onde o material bruto serve para incrementar o seu acervo permanente e estar disponível para outras experiências de pesquisa. Foram experiências compartilhadas com os pesquisados, no intuito de apreender a dinâmica social de agências de construção de sentido e tentativa de institucionalização do território moral e político da periferia por parte do grupo específico dos poetas selecionados, participando do cotidiano destes e da cena, de forma a tentar perceber como criam as suas diferentes formas de sociabilidade (FREITAS, 2006).

Simmel (2006) entende a sociabilidade como construção cotidiana que só pode ser vista em movimento na relação entre as pessoas que se esforçam em imprimir, a partir de interesses individuais, sua forma de ver e fazer a situação em tensão com as formas de ver e fazer de seus interlocutores. O movimento tende a criar a situação e a relação social que vale para buscar a melhor forma de gestão destes interesses. O modelo de sociabilidade, portanto, não é definitivo, estável e repetitivo. É variante, cambiante e flexível, apesar de conter movimentos contrários de constituição de estabilidade.

Metodologicamente, esta pesquisa se utilizou de outras fontes disciplinares para a obtenção de seus objetivos com os interlocutores. Destaca-se o fato de a poesia ser um recurso pouco utilizado como base de investigação e análise sobre determinado tema, muito embora sua utilidade seja tão importante quanto as demais fontes. Nesta pesquisa, esse recurso foi de fundamental importância, pois nela se trata das variáveis e dos movimentos do espaço.

Portanto, foi na dinâmica de inserção no campo que se estabeleceram vínculos de confiança e troca de conhecimentos com os interlocutores, ouvindo-se suas narrativas sobre as experiências vividas e sentidas em seus espaços. Isto vale para todos os entrevistados, pois, além dos versos poéticos que ajudam a entender o espaço, trazidos nesta pesquisa, os poetas e *rappers* também concederam suas narrativas no papel de entrevistados. O registro audiovisual serviu como meio de consolidação da reciprocidade entre pesquisador

Revista da Anpege
ISSN 1679-768X

e pesquisa, pois o material é disponibilizado aos organizadores da cena poética e usado para divulgar seus trabalhos nas redes sociais.

A contribuição da metodologia de história oral também foi pertinente, neste empreendimento de pesquisa, visto que, por meio das narrativas, os entrevistados fizeram suas considerações sobre os questionamentos sugeridos. Não se objetivou quantidade, no que se refere ao número de entrevistados, pois, quando trabalhamos com história oral, não podemos associar nossas fontes a uma lógica quantitativa. Nem mesmo podemos seguir uma forma de narração que pode ser entendida como representacional ou factual. A narrativa é individual, muito pouco estável e representa muito mais um contexto e situação de interlocução do que uma informação factual. Não fala do acontecimento, mas cria o evento a partir de um ponto de vista que é mediado por interesses e pela situação de comunicação.

Como sugere Alberti (2005, p. 155), "a História oral permite o registro de testemunhas e o acesso a "histórias dentro da história", e, dessa forma, amplia as possibilidades de interpretação do passado". Essa autora considera também que essa metodologia fornece subsídios para que os interlocutores falem de suas experiências vividas e concepções sobre determinados fatos, narrem acontecimentos passados e falem da conjuntura presente, de forma que o entrevistador tenha a sensibilidade ou a percepção aguçada para captar, nos seus relatos, as considerações sobre os eventos cotidianos que permeiam suas vidas.

Para Lozano (2002), a história oral centra a atenção na visão e na versão dos atores sociais. As implicações metodológicas desta escolha se traduzem naquilo que foi possível escrever sobre aquele espaço ancorado nas observações, conversas e entrevistas, sabendo ainda que cada conversa traz, na sua interlocução, reservas individuais de interesse e de promoção. Da mesma forma, essa metodologia ajudou no processo de conhecimento e de interação com os poetas *slamers* e *rappers*, pois eles também cederam suas narrativas gravadas, contando sobre suas vidas e seus agenciamentos dentro da periferia, bem como mostrando as múltiplas realidades que podem estar presentes nestes espaços. As poesias cedidas também pontuam as narrativas orais que tratam de desvelar o território periférico. Elas são códigos linguísticos que inscrevem essas parcelas do espaço dentro do restante do cenário urbano.

Tanto o processo de entrevistas, como a nossa presença nos eventos de poesias e rimas foram gravados com câmeras e filmadoras e foram fotografados. O material serviu como fonte desta pesquisa, assim como foi produzido um documentário com esse material, denominado "Poesia e resistência", cuja visualização é possível acessando-se a plataforma de compartilhamento de vídeos Youtube.[6]

[6] https://www.youtube.com/watch?v=bzWE36Ob5kw&t=12s

Revista da Anpege
ISSN 1679-768X

A utilização dos recursos audiovisuais nas pesquisas acadêmicas, apesar das resistências a este método que ainda vigoram – entendendo-se esta linguagem como tendo finalidades exclusivamente artísticas ou culturais, no caso da pesquisa divulgada neste artigo –, tem ajudado a contar os resultados, de forma a envolver os interesses dos interlocutores da pesquisa. A vontade de divulgar a arte ganha muito mais adesão do interlocutor que a produz quando é usada a linguagem audiovisual, facilitando o trabalho do pesquisador na produção e no registro de fontes primárias, com auxílio do pesquisado. Há uma experiência compartilhada de pesquisa, na qual os envolvidos são pesquisadores ou pesquisados, são coautores do processo de produção de fontes primárias e obras audiovisuais. A parte textual é que fica mais a cargo do pesquisador. Entretanto, no Brasil, diante da situação social comum de falta de interesse e de acesso à linguagem escrita por parte da população em geral (e, especialmente, a mais pobre), o texto acadêmico acaba mais reservado ao campo acadêmico, principalmente aos intelectuais, que o utilizam como referência para suas pesquisas.

O documentário citado tem duração de 10'38", e é uma produção que traz narrativas poéticas sobre as condições da periferia. Por meio da recitação da poesia marginal e das rimas, poetas (*slamers*) e *rappers* falam das múltiplas realidades e circunstâncias periféricas, cujas abordagens deixam clara a forma de resistência destes sujeitos, no tocante às dificuldades nestes espaços e suas agências como produtores de uma literatura que denuncia. Ao mesmo tempo, se apropriam de seus lugares numa atitude de defesa e criação de territorialidades, consequentemente impondo desejos identitários.

De acordo com Gomes Júnior e Costa (2018), o filme não deixa de ter influência da linguagem escrita: é também uma fonte para interpretar o mundo. Além disso, é uma prática social e um discurso que agencia um aparato cultural e cria geografias úteis para interpretar a paisagem. Tem sua particularidade em relação ao escrito e possui códigos próprios de transmissão de ideias e conceitos. São construções narrativas que visam a causar um efeito no interlocutor. Não são expressões da realidade, mas ações que tentam criar efeitos de realidade.

Para Vailati (2016, p. 59), "o objeto audiovisual é um olhar de diferente natureza, que nasce através de uma interação – ou mediação – entre homens e tecnologia e que produz consequências no mundo". É uma agência de imposição de sentido no "mundo", mas não é exatamente ou factualmente o "mundo". Mesmo que consideremos a questão do preconceito que ainda existe, no meio acadêmico, com relação ao uso dessa linguagem audiovisual como produção científica – preconceito este que tenta separar "arte" e "ciência"

Revista da Anpege
ISSN 1679-768X

–, já existem movimentos contrários que pretendem diluir esta fronteira. A situação ambígua entre arte e ciência não é recente. É isso que vai ser discutido no próximo tópico, incluindo-se a literatura.

A poesia periférica marginal

Como já foi dito, a poesia feita e pensada por *slamers* e *rappers* de Sobral se caracteriza como "literatura menor", "marginal", como abordaram Deleuze e Guattari (2017), pois suas letras refletem a realidade da periferia dentro de um contexto crítico, social e político que denuncia, mas também traz as marcas do empoderamento de quem se identifica com o lugar onde mora, acarretando sentimentos de pertencimento – a ponto de se fazer arte –, e evidenciando todas essas variáveis que nos dão elementos suficientes para pensar as realidades desses espaços, as condições cotidianas de seus habitantes e a tríade desterritorialização, territorialização e reterritorialização do espaço geográfico. Para os autores citados, a característica marcante para a sua classificação como poesia marginal é não se entender como integrada ao circuito literário ou ao meio erudito do campo artístico, e nem ter a preocupação de sê-lo. E os *slamers* e *rappers* não estão muito preocupados em serem orientados por regras institucionalizadas de fazer literário. Tentam produzir experiências de construção de sentido, por meio de rimas faladas e cantadas que são agenciadas de forma sinergética com os interlocutores que formam o seu público, em busca de adesão a determinadas formas de pensar e agir em seus territórios políticos e morais, sempre relacionados à periferia. A denúncia e a revolta contra a opressão de movimentos majoritários são utilizadas como ponte, para provocar afecções, tendo em vista criar laços solidários com aqueles que escutam, reforçando o desejo de mostrar a força e a necessidade de luta para consolidar uma identidade própria dos "periféricos". O lugar, portanto, neste esforço por consolidar um território moral e político, passa a ser entendido como central e mediador para a consolidação da identidade como pertencente à periferia.

Alguns autores introduzem o conceito de interseccionalidade (PADOVANI, 2017) para se compreender o sistema de opressão, como sustentado por um conjunto de variáveis de classificação social (como raça, gênero, classe social e lugar de moradia, entre outras) usadas, por parte de alguns setores da sociedade, para classificar determinados sujeitos ou grupos como merecedores de marginalização social e exclusão de acesso a determinados bens de consumo e lugares, justificando essa opressão, caso não a obedeçam. Essas variáveis se misturam, não havendo clareza para se pensar uma que seja exclusiva como marcadora de identificações que serve para considerar e fundamentar a opressão. No caso aqui analisado, a poesia marginal está sendo usada para inverter a lógica da opressão sustentada por

Revista da Anpege
ISSN 1679-768X

variáveis interseccionadas, e passa a compreender a sua condição de gênero, raça, classe social e lugar de moradia como – ao contrário da concepção generalizada – espaço de força, beleza e paz, ao mesmo tempo como que de luta e resistência em favor de uma vida melhor.

A ideia é de que a periferia não é somente caracterizada por mazelas estruturais e presença de ações violentas. Para os poetas selecionados nesta pesquisa, a periferia é espaço de apropriação de seus habitantes que a defendem. Pulsa pelos agenciamentos locais que ali se encontram, sejam nas associações de bairro, nos eventos e ações culturais, por meio das artes e dos movimentos sociais ali existentes. O investimento visa a mostrar uma positividade no lugar. É um lugar de pertencimento, de experiência individual e coletiva prazerosa, e, por isso mesmo, narram com emoção as suas vicissitudes. Essas emoções, logicamente, também evidenciam a violência, não só interna, mas também aquela vinda de agentes do Estado, mas não ficam só nela. Mostram que, na periferia, os moradores não têm somente medo, mas coragem de brigar por melhores condições de vida; não são só "vítimas", são também agentes que gostam do seu lugar e o defendem contra ingerências que vêm de fora e de dentro do território. Mostram também os prazeres e as virtudes de morar nesse lugar chamado periferia.

Para entender melhor esse processo, é importante pensar que ele é resultado de uma dinâmica material, mas também simbólica e pragmática, de agências individuais. Nesse caso, a perspectiva deste artigo considera que o território e suas variáveis podem ser compreendidos levando-se em consideração a corrente analítica que os coloca dentro das visões culturais também, em que a dimensão imaterial se efetiva no movimento e na cognição das práticas individuais e coletivas.

Dessa forma, Fuini (2014) considera que a territorialidade contém o conteúdo cultural do território que se manifesta nas relações sociais cotidianas, e, portanto, mostram usos diversos do território. Sack (1986, p. 3) pode ser citado para complementar essa concepção quando declara que a territorialidade "é uma estratégia humana para afetar, influenciar e controlar". Analisando-se esta estratégia e seus objetivos, é possível entender as práticas dos poetas *slamers* e *rappers*, desde suas atuações em seus espaços, na vida cotidiana, como na ação poética, em que levam, por meio dos versos, fragmentos de suas realidades espaciais selecionados e criados por suas perspectivas, e tentam dar conteúdo ao território com táticas de desterritorializações e reterritorializações específicas. Falar de seus lugares, atuar diariamente com o intuito de estabelecer vínculos afetivos e afetar outras percepções, tudo isto se configura como uma forma de territorializar suas identidades dentro de uma situação socioespacial.

Revista da Anpege
ISSN 1679-768X

Fazendo algumas alusões ao que Bourdieu (2000) vai discutir sobre o relato biográfico, e aplicando-as ao caso aqui analisado, pode-se dizer que os nomes "periférico", "das quebradas", "perifa", "favela", entre outros que se referem ao lugar de fala, são usados como designadores rígidos que pretendem causar um efeito de postulado de sentido da existência espacial e geográfica. O relato biográfico usa o tempo e o espaço geográfico para falar de uma constância e de uma consistência espacial, tentando estabelecer relações inteligíveis, que tratam de histórias e de organização sociocultural-espacial que são únicas, apontando uma cartografia do desejo que desterritorializa e reterritorializa visões correntes predominantes entre outros lugares, e também nas mídias impressa, radiofônica e televisiva, principalmente. Organiza aconteceres e fazeres que entendem como significativos, estabelecendo conexões para dar-lhes coerência não individualizada, mas coletiva e geral, apesar de ser um agenciamento individual na cena poética. É uma criação artificial de sentido que pretende ser "natural" do lugar.

A periferia, portanto, não se refere a um bairro em especial, mas a bairros que têm determinadas características de fazeres e saberes específicos, que são delimitados de maneira não muito detalhada para parecerem falar de um ser coletivo e geral. É uma tentativa de institucionalização social da identificação unitária e totalizadora contra movimentos majoritários que coloca esses bairros na situação de violentos. A ideia é designar o mesmo objeto e suas características identitárias em qualquer universo, de forma constante e durável, que garanta a identificação individual como periférico em outros campos de atuação possível. Esse designador rígido tem a pretensão de introduzir divisões supostamente nítidas entre os que são e os que não são periféricos, indiferente às particularidades individuais e diferenças nas relações do coletivo imaginado como periférico.

O relato da vida individual expresso na poesia dos *rappers* e *slamers*, quando leva em consideração o território geográfico da periferia, pretende levar o ouvinte a se aproximar de um modelo criado de "ser periférico", mesmo que o bairro em que morem não seja mencionado. Mesmo quando o nome do bairro é mencionado, na narrativa que visa a criar uma identificação estável do que é "ser das quebradas", é um segmento territorial de território mais amplo. A intenção é ter uma filosofia e uma sociologia social próprias que sustentam a identificação individual, que sejam coerentes com aquela construída e entendida como coletiva, relacionada a uma espécie de superfície social da personalidade, que seria um suporte de atribuição de autoridade poética que lhes permite agirem como representantes.

Mas o que motiva este movimento de territorialização? Talvez, Haesbaert e Bruce (2002), baseados em Deleuze e Guattari, possam ajudar na compreensão desse processo,

Revista da Anpege
ISSN 1679-768X

quando chamam a atenção para o conceito de desterritorialização. Para Haesbaert e Bruce (2002), pode-se pensar este conceito do ponto de vista geográfico, mas também do ponto de vista da produção do conhecimento sobre algo, portanto, de se criar a memória e a narrativa relacionadas à produção da expressão poética relacionada a uma forma de ver e fazer a experiência cotidiana, na periferia e na cidade.

Esses autores ressaltam que o interessante da filosofia do movimento de Deleuze e Guattari é perceber que, mesmo em relações de poder e de força contra o que eles chamam de majoritário, o minoritário (ou aquele que tem menos força) é que provoca o movimento. O mais forte, ou majoritário, na relação, quer conservar. O minoritário, que tem menos força, anseia por mudança e agencia instrumentos para isto. Ao mesmo tempo, o que tem mais força tem de legitimar sua posição, tendo de negociar diante das pressões do minoritário. O território só é movimento porque é desterritorialização, ao mesmo tempo.

Fazendo uma leitura do próprio Deleuze (1997), entendemos que não há território sem um vetor de saída dele, ao mesmo tempo em que há uma força que tenta territorializar em outra parte ou de outra forma. Isto quer dizer que, ao falar do lugar e de sua especificidade ou particularidade, a narrativa poética deve ser entendida como uma agência do desejo sobre o território e sua identidade, imprimindo a sua potência e se movimentando na rede de relações com as pessoas, coisas, instituições e espaço geográfico, visando à consolidação do território desconstruído e reconstruído pela sua pressão. Deleuze (1997) entende o conceito de desejo como agenciamento de um conjunto de elementos que constituem o contexto do objeto supostamente referente. Não se deseja uma identidade e sua história, ou ainda um lugar, mas uma série de elementos que formam um conjunto relativo ao lugar, à posição, ao interesse e à imagem que estão "ao redor" do "ser" desejado e o reforçam. Portanto, o que provoca o movimento de desterritorialização é a resistência ao que é majoritário.

O sentimento de pertencimento e as relações de afeto com o lugar, sobretudo quando empreendem, pela poesia e por outras ações, as experiências vividas nestes espaços, aludem às considerações de Tuan (1983) sobre a intimidade que as pessoas têm com seus lugares. A diferença é que a percepção desta intimidade só é possível, por parte do pesquisador, quando este faz o registro de uma agência pragmática do seu interlocutor, que investe na criação de um efeito que pretende informar sobre este sentimento construído para aquela situação de interlocução. Esta agência pragmática acionada pelo interlocutor ajuda o pesquisador a pesar a intimidade como ambígua, pois, ao mesmo tempo em que o pesquisado tenta produzir sua individualidade, buscando seu reconhecimento social e sua identificação particular, situa esta produção relacionada a um coletivo.

Revista da Anpege
ISSN 1679-768X

Vale a pena frisar que a concepção sobre o que é íntimo é pessoal, é individual. Isto quer dizer que nem sempre todos pensam e agem da mesma forma, apesar de haver um esforço de cada um em integrar sua visão e sua agência particulares a um movimento mais coletivo. Neste caso, dar um nome próprio a uma "comunidade", relacionando-o ao nome do lugar, e recitar sobre uma intimidade com o suposto lugar que esta comunidade ocupa são formas pragmáticas comuns para a construção deste sentimento de intimidade mais coletiva. Entretanto, por ser movimento individual e diverso, não é estável no sentido de uma percepção que possa ser geral ou coletiva, e varia de acordo com sinergias diversas com outros movimentos, vindos de outros processos de desterritorialização e territorialização. Este movimento é resultado da tensão entre a tentativa de institucionalização de regras, de padrões culturais e de sensação de intimidade e os processos contrários de manifestação de resistência e revolta ao que é institucionalizado, majoritário e imposto pela via da violência simbólica ou física.

Quando nos apresentam a periferia, tanto nos versos, como nos relatos, em alguns momentos, nos fazem concebê-la de acordo com as considerações de Corrêa (1986), que trata de uma periferia dos pobres, com as diversas situações que lhes são desfavoráveis, onde falta infraestrutura urbana, com a presença de pessoas que lutam para sobreviver diante das dificuldades. Uma periferia com ações violentas internas, em meio a uma briga insana entre facções criminosas, que matam outros indivíduos periféricos pelo controle dos territórios de entorpecentes. Por outro lado, como já foi dito, não são somente vozes de revolta contra a violência e o descaso que eclodem nesses discursos poéticos, mas existe também uma forte apropriação do lugar, da quebrada, da perifa, como forma de pertencimento ao território que os caracteriza. Por isso, reprovam a entrada truculenta da polícia nesses espaços, bem como as insinuações aterrorizantes que dizem respeito àquilo que é noticiado pelos veículos de imprensa, assim como mostram o que é belo e forte no lugar. Em outros momentos, chamam a atenção para a banalização, feita por muitos meios midiáticos, sobre a violência relacionada ao território da periferia. Banalização esta que "se esquece" de "denunciar" a morte de um adolescente negro e pobre, que, muitas vezes, aparece – quando aparece – sem nome, nas reportagens, mas que espetacularia o assassinato de um jovem rico, que é insistentemente identificado com seu nome próprio e de família.

A lógica da resistência que a poesia anuncia é ambígua, pois mostra o ruim e o bom como elementos que interagem e ressignificam que pobre periférico é "coitadinho" e precisa ser vitimizado ou eliminado da sociedade. Neste caso, os pobres são vítimas, ao mesmo tempo em que são guerreiros e brigam para mostrar sua força diante das adversidades do "estilo de vida" imposto a eles/elas. A poesia denuncia uma "invisibilidade" imposta

Revista da Anpege
ISSN 1679-768X

à periferia, por parte de determinados setores da sociedade, ao mesmo tempo em que fortalece a visibilidade, a força e a dinâmica que existe nesta espacialidade, seja compondo a cena poética fora de um bairro caracterizado como segmento desta espacialidade, como é o caso do *Slam* da Quentura, seja dentro de um bairro periférico, mas na praça pública, como no caso da Batalha TN.

Esses dois movimentos têm duas estratégias diferentes para a composição da cena. O *Slam* sai da periferia para mostrar a periferia no centro. A Batalha TN busca o centro da periferia para compor sua cena. Adaptando a reflexão de Straw (1991) aos casos aqui analisados, pode-se pensar a cena poética como evento divulgado e combinado para se mostrar agências no sentido de criar território de distinção entre estilos e processos de diferenciação, de acordo com trajetórias selecionadas que anunciam mudanças e tradições cruzadas.

No evento em que se monta a cena, é articulada uma aliança, no caso desses dois grupos, tendo a arte como forma de comunicação e como mediadora do fortalecimento de adesões e de criação de novas adesões. Se desenham fronteiras, mesmo que compostas para aquele momento de duração da cena e mesmo que esta seja montada fora do território da periferia. Criam-se símbolos identitários e vínculo a um lugar que podem gerar a ideia de "comunidade". No caso dos grupos analisados, este lugar é a periferia. Criam-se o sentimento e a ideia de um modo de vida que pode ter seu mito de origem em outro lugar, longe do evento em que a cena se apresenta. A relação entre a ideia de "comunidade" e a cena é ambígua, pois esta última pode acontecer em vários lugares, inclusive naqueles que não parecem ser a moradia do grupo envolvido. Neste caso, a cena é montada para, taticamente, marcar um estilo e desejo de identidade, marcando também um lugar próprio do coletivo ali presente, que festeja sua identificação e investe em fortalecer vínculos, ideias e desejos.

Na cena, mesmo fora do lugar de moradia, existe um apego ao lugar onde vivem. Ali, no lugar, a narrativa comunicada na cena poética tem nuanças, características, formações e relações sociais que lhes são peculiares, tecidas numa conjuntura própria a cada realidade. É um lugar segmentado, pois é periferia, mas pode aparecer como adesão a um nome de bairro, ao mesmo tempo em que pode estar situado e nomeado pelo nome da cidade, da região ou até do país, dependendo do contexto de interlocução ou da situação que a rima na poesia quer mostrar. Pode também estar relacionado a outras formas de segmentação, como de gênero, classe social e raça.

Tuan (1980) aponta para esse sentimento de pertencimento que as pessoas têm com seus lugares, onde sentimentos afetivos intensos são responsáveis por tecer as malhas dos relacionamentos, inclusive, das pessoas com o próprio lugar. Porém, são relações muito

Revista da Anpege
ISSN 1679-768X

pouco estáveis no que se refere a um "estilo de vida" peculiar, próprio e homogêneo, apesar da narrativa da cena poética falar de unidade como instrumento de força. Por este motivo que o desejo e a potência são importantes para se compreender a dinâmica de territorialização e desterritorialização agenciada no lugar e na cena poética.

Sendo assim, a literatura, na forma de poética que trata do espaço, revela nuanças de um recorte não somente espacial e material, mas traz variáveis que estão imbricadas dentro de um contexto socioespacial que muito revela dos sentimentos dos indivíduos que habitam estes espaços. Façamos, então, uma pequena reflexão sobre esta relação entre literatura e geografia.

Literatura, arte e geografia

De acordo com Suzuki e Silva (2016), no transcorrer do século XIX, as temáticas que tratavam sobre o espaço, na geografia, passaram a ter outro enfoque. Segundo esses autores, foi Pierre Monbeig que, em 1940, reconheceu a inserção do trabalho do geógrafo num contexto que se efetiva na percepção e sensibilidade por meio da arte.

Tuan (1980) aponta o uso das artes, sobretudo aquelas retratadas nas pinturas, para falar ou mostrar temas da realidade, num contexto histórico bem longínquo do nosso, no passado, citando Leonardo da Vinci como um pintor que, ao estampar nas telas aspectos da natureza, o fazia com alto rigor científico, e não somente com um prazer estético.

Sobre a poesia como forma de tratar dos lugares, Tuan (1980) assinala que, na China, assim como na Europa, este tipo de arte apareceu antes das artes visuais, e a poesia, a partir da dinastia de Han, "[...] evocava as nuanças de certos lugares" (TUAN, 1980, p. 145). Conforme Tuan,

> Na China, a poesia teve amplitude muito maior de sentimento pela natureza do que a pintura paisagística. Os poetas se preocuparam, às vezes, com cenas evanescentes que os pintores ignoraram: por exemplo, uma nesga de lugar sobre o assoalho do quarto foi confundida com geada e as falésias tornaram-se escarlates momentos antes do pôr do sol. Os poetas também se preocuparam com a descrição do campo e registraram acontecimentos comuns em uma fazenda, enquanto os pintores não os consideraram (TUAN, 1980, p. 145).

Olanda e Almeida (2008) admitem que, ao longo dos anos, perceberam-se novas formas de apreensão da realidade que fossem sensíveis à ciência, e, nos casos da geografia e da literatura, a abordagem cultural foi responsável por estabelecer esta dimensão. Dessa forma, essas autoras consideram que tratar a cultura como fonte de pesquisa é um caminho para se compreender a humanidade e a relação com a organização espacial. A literatura, para

Revista da Anpege
ISSN 1679-768X

essas autoras, informa sobre o estilo de vida, as experiências socioculturais, a economia, a história e o meio ambiente. É também um documento que fala do lugar. Reflete a visão dos autores sobre o espaço geográfico, portanto.

Suzuki e Silva (2016) elencam uma série de autores para justificar a contribuição das artes nos estudos que priorizam a geografia do espaço. Para eles, o espaço, a paisagem e o lugar podem ser retratados em diversas perspectivas artísticas e dão, sem sombra de dúvidas, contribuições para o entendimento destes conceitos dentro das abordagens geográficas.

Nesse caso, a literatura é uma das formas de tematizar o espaço, e revela situações que os mapas mais técnicos deixam de destacar. Esta literatura do espaço mostra a ação das pessoas ali, suas mazelas, conquistas, demandas, revoltas e resistências. A arte não é representacional: é agência criativa de invenção e intervenção. Ela não expressa somente uma visão subjetiva. Ela objetiva criar um efeito ou afeto naquele que a vê. É um efeito que intervém na imaginação daquele que tem contato com ela. A fotografia, o texto, o desenho, a pintura, o filme e todas as demais formas de comunicação artística são agências por si só, já que o efeito projetado pelo autor não tem o seu controle total. A obra pode causar afetos imprevistos pelo autor. A literatura e as demais formas de comunicação não mostram o espaço, elas o inventam e impõem.

Como exemplo, pode-se pensar o que acontece em Sobral, foco deste artigo. O *Slam*, aqui estudado, é um formato de evento poético que acontece em diversas partes do Brasil e do mundo. Em sua apresentação, o *Slam* reúne um grupo de pessoas, num determinado espaço público da(s) cidade(s), que recitam poesias que tratam de questões cotidianas relacionadas às vidas destes poetas.

Sobral foi a primeira cidade, no estado do Ceará, a fazer o *Slam*. Destacamos que *Slam* é o nome oficial desses eventos, mas todos eles têm agregado um sobrenome que serve para identificar uma singularidade, uma luta, uma denúncia, uma localização geográfica. O de Sobral foi batizado de *Slam* da Quentura, fazendo uma referência ao clima quente local, apontando também para as características geográficas de clima desta cidade.

O estilo de poesia desse evento não está ligado (muito embora não exista uma regra) aos estilos tradicionais, aqueles que têm um rebuscado linguajar, em que se misturam belas palavras do vocabulário, denotando um encantamento pelas belezas da vida, e, muitas vezes, sugerindo um exercício de interpretação mais intenso, pois trazem, nas entrelinhas, fortes indícios de um pensamento mais abstrato e rebuscado. Na poesia *Slam*, os versos feitos e declamados em público trazem as narrativas de situações entendidas por eles e elas como reais, que falariam do cotidiano dos *slamers*. Nessa ocasião, para quem está assistindo

Revista da Anpege ISSN 1679-768X

e participando, são trazidos relatos que intentam traduzir de forma bem aproximada o que estão passando nas suas experiências cotidianas. Como são moradores dos bairros periféricos, tematizam situações pelas quais passam naquela espacialidade. Tratam de sua condição de mulheres e homens negros pertencentes a classes sociais pouco favorecidas e de suas condições de habitação nesses espaços.

A poesia traz, na sua construção linguística, elementos que fornecem reflexões social e espacial específicas. Os *slamers* são moradores de bairros periféricos, onde existe a forte coação de forças extraoficiais, que controlam estes territórios, tudo isto somado ao fato de haver também a truculência das forças do Estado. Os *slamers* denunciam abusos de policiais, nas abordagens feitas dentro da periferia, que, baseados nos estereótipos de classe e cor, já chegam usando da força para intimidar e humilhar a população.

É uma literatura de rua, que é marginalizada e colocada como "menor", por parte do mundo acadêmico erudito. Para Deleuze e Guattari (2017, p. 36), a característica que mais se impõe nessa linguagem "[...] é que tudo nelas é político". Ela está tecida, linguisticamente, no empoderamento desses indivíduos, dentro de suas realidades espaciais e sociais, bem como de suas demandas. Isto é o que justifica, muitas vezes, os sobrenomes desses *slams*, que parecem ser pensados e construídos sob uma base identitária bem acentuada, onde aqueles *slamers* que habitam as redondezas ou o próprio espaço onde a cena ocorre têm a oportunidade de desabafar sobre suas realidades diárias e corriqueiras. Eles trazem, nos seus versos, o mapa das circunstâncias desiguais que assolam as periferias.

O bairro, a periferia e o lugar não são somente formas espaciais e materiais geométricas, visíveis e mensuráveis. São agências usadas para a identificação de subjetividades, assim como anunciam circunstâncias pensadas e colocadas em prática, estas, às vezes, não mostradas pelos mapas mais técnicos. São desejos e potências, agências significativas que intervêm e inventam o território e o lugar – e disso a poesia *Slam* consegue dar conta. A tática usada no *Slam* da Quentura é a de composição da cena fora do bairro periférico, se apresentando no centro, em praça pública. Na cena, se fortalece a adesão a uma ideia de coletivo e se divulgam valores que se apresentam como vinculados a um território político e moral, relacionado ao ser periférico.

A outra iniciativa poética em destaque é um pouco diferente na composição da cena, como já foi adiantado, anteriormente. A Batalha do TN, evento que reúne MC's e *rappers* de diversos bairros periféricos da cidade de Sobral, é promovida pelo Movimento Social Fome, que articula as lutas que envolvem a comunidade do bairro Terrenos Novos. Esta iniciativa atentou para o potencial artístico de alguns jovens que ali residem, no tocante à

Revista da Anpege
ISSN 1679-768X

habilidade com rimas improvisadas, que batalham em duplas. Na descrição da Batalha do TN, na rede social Facebook, está a seguinte exposição:

> A Batalha do T.N tem como ideia central chamar a juventude periférica para organização de maneira autônoma e independente, evento que fortifique a União das quebradas por meio de ações artísticas-culturais. [...] e com muito gás e União iremos mostrar que nossas periferias resistem e sobrevivem com ações culturais nas nossas praças, guetos e vielas (Disponível em: https://www.facebook.com/BatalhadoT.N/. Acesso em: 20 mar. 2018).

As manifestações poéticas trazidas, neste artigo, têm esse caráter político e moral. Os poetas e *rappers*, cientes de seus lugares de falas, por meio dos versos, fazem fortes considerações políticas sobre suas condições como sujeitos sociais, bem como exploram as circunstâncias e condições de seus espaços periféricos. Isto, de alguma forma, gera uma espécie de solidariedade adquirida pela compreensão daquilo que está sendo exposto nas poesias, pois são situações que os identificam, causando-lhes, assim, sensibilidade, empoderamento, luta e resistência. A tática da Batalha do TN é fazer a cena no bairro periférico, em praça pública, próximo aos seus pares periféricos.

O *rap*, como forma de literatura menor, é compreendido por Inácio (2009) como marginalizado também, se analisado sob o ponto de vista dos cânones literários estabelecidos. Assim como outros estilos poéticos, o *rap* percorre as fronteiras quase sedimentadas da literatura canônica, numa linguagem desterritorializada, engendrada nas necessidades e na expansão de novos olhares sobre as realidades. Na reflexão sobre o estatuto hierárquico canônico espacial sobre qual lugar ocupa o *rap* neste círculo, Inácio comenta:

> Constitui-se o *rap* como uma poética da margem no sentido mais amplo que a ideia de periferia pode aqui assumir: está, como sugere Platão, fora da metrópole, fora dos muros daquilo que a literatura considera como perpetuação de valores estéticos capazes de transcender ao tempo e à noção de arte. O *rap* coloca-se como canto paralelo a uma concepção de poesia em que o lirismo romântico ou o tom excessivamente subjetivista tornam-se tônica do poético. Essa expressão poética reterritorializa a própria ideia de margem, já que, estabelecido nas bordas da cultura dominante, provoca um questionamento acerca da relação centro-periferia (INÁCIO, 2009, p. 121).

Sobre a contribuição e a postura poética do *rap*, declara:

> O discurso engendrado por esta forma poética se constitui como relatos de uma experiência, só visível no campo do poético. A palavra, nesse caso, assume sua dupla capacidade: por um lado, revela seu poder encantatório, já que se mostra como síntese do vivido e do experimentado; por outro lado, articula novos sonhos e novas esperanças. Ela é a munição capaz de ferir sem sangrar, mas deixando marcas e expondo feridas recobertas pelas metáforas cotidianas (INÁCIO, 2009, p. 122).

Revista da Anpege ISSN 1679-768X

Por isso que o *rap* é uma agência de imposição de sentido. É uma violência simbólica que visa a buscar uma desterritorialização nos sentidos de quem acha que já sabe de tudo sobre o mundo. É desterritorialização. É denúncia. É resistência. É agência. Diante disso, as realidades da periferia, do gueto, da quebrada, são pertinentes, para nosso olhar como pesquisadores, quando tratam, pelas rimas e poesias, essas questões delicadas de se falar, que, esboçadas por meio da arte, são narradas sem constrangimento e expõem a dura realidade desses espaços.

De acordo com Souza (2016), a geografia, quando objetiva compreender determinado fenômeno por intermédio da literatura, não está se colocando no patamar de crítica à literatura, mas tenta se valer daquilo que a arte literária traz, nos seus versos, que seja importante para a compreensão de determinada situação espacial e de tudo aquilo que nela está envolvido. Para Barcellos (2009, p. 41), "na relação entre geografia e literatura, os textos literários apresentam-se como um rico material a ser apreciado por nós, geógrafos, pois eles evocam a alma dos lugares e o cotidiano das pessoas".

A arte é um mecanismo social encontrado pelos "periféricos" para expandir o território. O exercício da territorialização acontece na composição da cena. O esforço é para afetar ou envolver os afetos pela arte, buscando adesão e reforço às adesões que já existem, dando poder e fazendo com que a cena se expanda e ganhe visibilidade. Os dois movimentos poéticos analisados neste artigo fazem isso de formas diferentes, mas buscando o mesmo objetivo: fortalecer o que já é forte e envolver mais pessoas nas suas bandeiras de luta contra o que é majoritário e opressor.

Considerações finais

Entre as abordagens discutidas, neste artigo, é possível perceber que os poetas e *rappers*, com suas iniciativas – sejam elas consolidadas nas rimas e poesias ou ainda nas ações agregadoras e solidárias dentro de suas realidades periféricas –, acabam estimulando a se pensar a desterritorialização, territorialização e reterritorialização, via expressão e cena poética.

É na escrita, na reflexão e na declamação dos versos que constroem seus territórios e territorialidades como resultados das lutas incessantes. Narram sobre seus espaços de moradia a partir de suas reflexões sobre as condições sociais, políticas, culturais e econômicas que estão presentes ali, ou mesmo o contrário, quando estas condições não estão efetivas nessas realidades periféricas. Percebem seus espaços como arena de resistências a todas as formas de desigualdade, violência e segregação. Não objetivam sair dali, mas ficar para

Revista da Anpege
ISSN 1679-768X

resistir, existir, cientes do direito que têm ao respeito, acima de tudo.

O espaço, na perspectiva desta pesquisa, se caracteriza pela percepção e ação dos indivíduos que nele habitam, onde os discursos, pontos de vista, considerações que denunciam as realidades difíceis e também as falas que o colocam na condição de lugar vivido, apropriado pelos agentes, são esboçados, sobretudo, pelas poesias. É por meio da noção de significado que podemos compreender sobre que tipo de espaço eles estão recitando, bem como saber que relação estabelecem com estes lugares.

Desse modo, as considerações sobre o espaço periférico partiram das narrativas e dos versos aqui explanados. Tais falas estão situadas dentro daquilo que é propriedade dos interlocutores, afinal, eles moram lá, ninguém mais conhece ou vive as realidades dali como estes agentes. Portanto, são eles que experimentam as condições desses lugares, aos quais atribuem situações de dificuldades, mas aos quais também concebem significados positivos a partir das experiências individuais e coletivas que se desenrolam cotidianamente ali.

Foi exatamente dentro dessa dinâmica e perspectiva que este estudo se propôs a tratar do espaço, especificamente da periferia, a partir das narrativas poéticas, pois estas trazem como base em suas falas uma forte carga de afetividade que não se apresenta somente sinalizando para os pontos agradáveis que os interlocutores e poetas possam lhe atribuir, mas também apontam para outras situações, para as dificuldades enfrentadas por quem ali habita. A poesia passa, então, a ser um grito, um ato político, uma busca, e, às vezes, um orgulho de si e de seus lugares de origem, sobretudo, quando exaltam a quebrada, a favela, a perifa.

Referências

1. ALBERTI, V. **Histórias dentro da História.** In: PINSKY, C. B. *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.
2. BACHELARD, G. **A poética do espaço.** São Paulo: Martins Fontes, 1993.
3. BARCELLOS, F. R. **Espaço, lugar e literatura:** o olhar geográfico machadiano sobre a cidade do Rio de Janeiro. In: *Espaço e Cultura*, UERJ, Rio de Janeiro, n. 25, p. 41-52, jan./jun. 2009.
4. BOURDIEU, Pierre. **"A ilusão biográfica".** In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Morais (orgs.). *Usos & Abusos da história oral.* 3ª ed., Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.
5. CORRÊA, R. L. **A periferia urbana.** In: *Geosul*, Florianópolis/SC, v. 1, n. 2, p. 70-78, 2º semestre de 1986.

Revista da Anpege
ISSN 1679-768X

6. DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Kafka:** por uma literatura menor. 1ª ed., Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

7. _____. **Mil platôs:** capitalismo e esquizofrenia, v. 4, São Paulo: Editora 34, 1997.

8. FREITAS, N. A. de. **Pesquisa social:** dilemas da "arte" de produzir o conhecimento científico. Impresso, 2006.

9. FUINI, L. L. **Território, territorialização e territorialidade:** o uso da música para a compreensão de conceitos geográficos. In: *Terr@Plural*, Ponta Grossa, v. 8, n. 1, p. 225-249, jan./jun. 2014.

10. GOMES JÚNIOR, G. H.; COSTA, M. H. B. e V. da. **Intertextualidade na paisagem:** a cidade fílmica de Recife em *Febre do Rato.* In: *GEOgraphia*, Niterói, v. 20, n. 44, set./dez., 2018.

11. HAESBAERT, R. **Território, poesia e identidade.** In: *Espaço e Cultura*, n. 3, p. 20-32, janeiro de 1997.

12. _____. **Da desterritorialização à multiterritorialização.** In: *Boletim Gaúcho de Geografia*, Porto Alegre, v. 29, n. 1, p. 11-24, jan./2003.

13. _____.; BRUCE, G. **A desterritorialização na obra de Deleuze e Guattari.** In: *GEOgraphia* – Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFF, Niterói, v. 4, n. 7, p. 1-15, 2002.

14. INÁCIO, E. da C. **Sobre poesia e *rap*, *rappers* e poetas.** In: *Via Atlântica*, n. 15, jun./2009.

15. LOZANO, J. E. A. **Prática e estilo de pesquisa na história oral contemporânea.** Cap. 2. In: FERREIRA, M. de M.; AMADO, J. *Usos e abusos da história oral*. 5ª ed., Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

16. MACHADO, Carla. **Pânico moral:** para uma revisão do conceito. In: *Interacções*, n. 7, p. 60-80, 2004.

17. MALINOWSKI, B. **Argonautas do Pacífico Ocidental:** um relato do empreendimento e da aventura dos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia. 2ª ed., São Paulo: Abril Cultural, 1978.

18. OLANDA, D. A. M.; ALMEIDA, M. G. de. **A geografia e a literatura:** uma reflexão. In: *Geosul*, Florianópolis, v. 23, n. 46, p. 7-32, jul./dez 2008.

19. PADOVANI, Natália Corazza. **É possível fazer ciências sociais sem uma análise crítica das categorias de diferenciação?** Uma proposição feminista. In: *Cadernos de Estudos Sociais e Políticos*. IESP/UERJ, v. 7, n. 12, 2017.

Revista da Anpege
ISSN 1679-768X

20. SACK, R. D. **Territorialidade humana:** sua teoria e história. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

21. SIMMEL, G. **Questões fundamentais da sociologia:** indivíduo e sociedade. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

22. STRAW, Will. **"Systems of articulation, logics of change:** scenes and communities in popular music". In: *Cultural Studies* 05 (03): 361-375, 1991.

23. SOUZA, G. E. R. de. **Geografia, literatura e subjetividade:** uma leitura sobre a cidade a partir do poema "Goiânia" de Léo Lynce. In: SUZUKI, J. C.; SILVA, A. C. *Estética, poética e narrativa: entre fluidez e permanência nas artes*. Porto Alegre: Imprensa Livre, 2016.

24. SUZUKI, J. C.; SILVA, A. C. **Estética, poética e narrativa:** entre fluidez e permanência nas artes. Porto Alegre: Imprensa Livre, 2016.

25. TUAN, Y. **Topofilia:** um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: DIFEL, Difusão Editorial S/A, 1980.

26. _____. **Espaço e lugar:** a perspectiva da experiência. São Paulo: DIFEL, 1983.

27. VAILATI, A. **O documentário social.** In: VAILATI, A.; GODIO, M.; RIAL, C. *Antropologia visual na prática*. 1ª ed., Desterro/Florianópolis; Cultura e Barbárie, 2016.

Submissão: 07/2019
Aceite: 10/2019

Revista da Anpege
ISSN 1679-768X